

## Ascensão e queda de Élio Sejano: modos de dizer a catástrofe nos *Annales* de Tácito

Rise and fall of Aelius Seianus: ways of saying the catastrophe in the *Annales* by Tacitus

**Maria Cristina Pimentel**

Centro de Estudos Clássicos.  
Universidade de Lisboa  
mpimentel1@campus.ul.pt

**Palavras-chave:** Tácito, *Annales*, Sejano, construção de personagens, processos narrativos, escolhas lexicais.

**Keywords:** Tacitus, *Annales*, Sejanus, character construction, narrative processes, lexical choices.

A reflexão que proponho parte de uma pergunta, talvez absurda, mas que nos pode permitir reconhecer, e apreciar, a técnica narrativa e os processos retóricos que Tácito magistralmente aplica nos *Annales*. É esta a pergunta: Se não se tivesse perdido, na quase totalidade, o Livro 5 dos *Annales*, seriam os quatro primeiros livros e os escassos capítulos do Livro 5 que até nós chegaram suficientes para o leitor adivinhar o destino de Sejano, o todo poderoso prefeito do pretório em cujas mãos o governo de Roma, durante largo tempo e até ao ano 31, quase exclusivamente esteve? Acrescentemos a esta pergunta um pressuposto: se não tivéssemos acesso à informação que Séneca, Flávio Josefo, Juvenal, Suetónio, Dión Cássio, nos fornecem sobre a queda de Sejano, as condições em que ela aconteceu e o horror da sua morte, esses primeiros livros permitir-nos-iam adivinhar que, num momento perfeitamente culminante da sua carreira, aquela poderosa personagem teria uma mudança de destino, uma *commutatio fortunae* tão súbita e implacável como a que lhe esteve reservada?

Na verdade, o Livro 5 interrompe-se no início do ano 29 e, quando a narrativa é para nós retomada, estamos no fim do ano 31. A execução de Sejano tivera lugar em 18 de Outubro desse ano e, segundo o que podemos imaginar em coerência com a técnica narrativa de Tácito e o seu ominoso e impactante modo de

fechar os livros<sup>1</sup>, o Livro 5 terminaria exactamente com esse tremendo acontecimento. Observemos, pois, no estrito enquadramento de uma ficção, a de que não conhecemos de que modo se deu a queda de Sejano, o que, nos Livros 1 a 4, Tácito nos vai dizendo, ou antecipando, ou insinuando, acerca do *praefectus praetorio* de Tibério. Ou, se quisermos combinar essa ficção com uma circunstância mais verosímil, coloquemo-nos no papel de um leitor da Antiguidade, esse sim conhecedor do desenlace, e vejamos de que modo Tácito lhe orientava a opinião, construindo e desenvolvendo o arquétipo retórico do ministro poderoso e traçoeiro, espelho e simultaneamente deflagrador de um outro arquétipo, o do tirano, na circunstância, Tibério<sup>2</sup>.

A primeira referência a Sejano surge em 1.24<sup>3</sup>. No contexto da sedição das legiões da Panónia, Tibério decide enviar Druso, seu filho, para que lhe ponha fim. Além dos militares de elite, seguem com ele os primeiros do Estado, e o prefeito do pretório *Aelius Seianus*, que gozava de *magna apud Tiberium auctoritate*. Esse ascendente revela-se, também, na missão de que ia incumbido, a de ser *rector iuueni*, ser conselheiro de Druso. Esta primeira informação, que parece anódina, introduz, todavia, uma nota de ironia trágica, uma vez que o leitor sabe que Sejano será o artífice da morte de Druso. Ele vai enviado por Tibério para o proteger e aconselhar, posição de privilégio e proximidade que será uma via aberta para a traição. Estamos no ano 14, pouco depois da morte de Augusto e da chegada de Tibério ao poder. Isso permite estabelecer as fronteiras cronológicas de um percurso de ascensão, que iremos acompanhar ao longo de catorze dos dezassete anos em que se prolongou.

A segunda referência a Sejano surge em 1.69. Agripina, mulher de Germânico, estando o marido ausente, assume um comportamento determinado e corajoso junto do exército em perigo, no Reno. Tibério sentiu-se ameaçado no papel preponderante que lhe deveria caber, ainda para mais sendo uma mulher a evidenciar tal importância. Tácito, porém, aponta Sejano como o agente activo que acicata o ressentimento do *princeps*. O § 5 merece atenção: *Accendebat haec onerabatque Seianus, peritiam morum Tiberii odia in longum iaciens, quae reconderet auctaque promeret*. O fogo (*accendebat*) e o fardo (*onerabat*) dos sentimentos negativos que consomem Tibério têm vindo a ser semeados por Sejano, que sabia como fazê-lo por conhecer as debilidades do carácter do imperador. Manipulador exímio, ele lança *odia* que se vão arreigando, sabe esperar até que expludam, e fá-lo de modo premeditado, num plano rigorosamente concebido<sup>4</sup> que se destina a maquinar a perdição de Germânico. O leitor sabe que essa é apenas uma

<sup>1</sup> E de concluir a narrativa analítica do início e do fim dos anos. V., em particular, Ginsburg (1981, pp. 10-52).

<sup>2</sup> V. Devillers (1994, pp. 134ss.) para os arquétipos (neste caso do ‘conseiller influent’ e do ‘tyran’), enquanto processo de unidade temática nos *Annales*; e o seminal capítulo sobre ‘Type-characters in the *Annals*’, com notável desenvolvimento para o Tirano, de Walker (1960, pp. 204-214).

<sup>3</sup> Um bom estudo, em língua portuguesa, em que a figura de Sejano e as suas relações com o poder são analisadas de modo estimulante e fundamentado, pode ler-se em Nobre (2010).

<sup>4</sup> É significativa a força semântica do prevérbio intensivo em *re-conderet*. O verbo *condere* é, aliás, recorrente para falar dos ódios que Tibério esconde, recoze, vai guardando e apurando, até ao

primeira fase em que Sejano nem precisa de agir directamente, já que o ódio de Tibério se servirá de Pisão para aniquilar Germânico. Ainda assim, quando Pisão é julgado e acaba por, ao que parece, tirar a sua própria vida, Tácito não deixa de registar que, uma vez mais, Sejano teve um papel sinistro nessa circunstância. O historiador recorda ter ouvido *ex senioribus* (3.16.1) que Pisão tinha consigo um *libellus* com instruções de Tibério contra Germânico, e que teria pensado em exibi-lo no senado, durante o processo, para que esse documento provasse que tudo quanto fizera tinha sido a mando do imperador. Ora, acrescenta Tácito, ele teria acabado por não o fazer porque Sejano o convenceu, iludindo-o (*elusus*) *per uana promissa*. Registar este dado interessa a Tácito a dois níveis: a atribuição da responsabilidade da morte de Germânico a Tibério, afastando a hipótese de morte natural; a construção de um perfil traiçoeiro e tenebroso de Sejano, força malévola que age subrepticamente. Em seguida, Sejano avançará sobre os outros familiares do imperador: o filho, Druso; Agripina e os filhos.

No ano 20, quando Tibério atribui ao filho mais velho de Germânico e Agripina honras de relevo e até um pouco inusitadas para a sua juventude<sup>5</sup>, o povo, crédulo, rejubila, por acreditar num destino luminoso para o filho do amado Germânico<sup>6</sup>. Essa alegria aumenta pelo facto de Nero se ir casar com Júlia Livila, filha de Druso e neta de Tibério. Tácito nada antecipa sobre o papel nefasto que esta jovem terá na perdição do marido<sup>7</sup>, porque, de facto, essa informação não se enquadraria no esquema analístico que aplica, mas sobretudo porque não é isso que quer desvelar no momento. Apenas diz que o casamento era bem-visto, pelo que aumentou o *gaudium* dos Romanos. Ora, Tácito é mestre dos contrastes, das justaposições carregadas de significado. E fala de um outro casamento anunciado, que provoca o maior descontentamento (*aduersis animis*): o da filha de Sejano com o filho de Cláudio<sup>8</sup>. Tácito não dá, como fez com o casal Nero-Júlia, os nomes dos jovens, antes os identifica pelos respectivos pais, porque é aí que o contraste gritante e desonroso entre o estatuto social de ambos se evidencia: o

---

momento de agir. V., a título de exemplo, o que acontece relativamente a Libão Druso (2.28: *adeo iram condiderat...*).

<sup>5</sup> 3.29. O jovem *Nero Iulius Caesar* é referido como um *ex liberis Germanici*. Como notam Woodman e Martin (2004, p. 262), “The words [...] seem added for reasons other than clarity: [...] there is no one else with whom he might be confused [...] it is, however, important for the reader to be aware at the start that this passage will be about Germanicus’ progeny”.

<sup>6</sup> Tácito aflora aqui a ironia trágica, sabendo o leitor que o destino dos descendentes de Germânico foi sobremaneira cruel e que o povo se enganava, nesta alegria que a breve trecho murchará.

<sup>7</sup> Em 4.60.2, Tácito regista que ela partilhava com a mãe, amante de Sejano, tudo quanto o marido fazia ou dizia, na intimidade do casal. Por essa via se mantinha Sejano bem informado. Após a morte de Nero, terá sido noiva (ou talvez mulher) do próprio Sejano. E, em 33, casou com Rubélio Blando, em aliança que, ao invés do que acontecera com o casamento com Nero, desgostou o povo (6.27.1: *pars maeroris*). Nesse comportamento de traição de intimidade, a jovem seguia, afinal, as pisadas da mãe, Livila (4.7.3: *corrupta uxore*), que revelava a Sejano, seu amante, o que ouvia do marido, Druso.

<sup>8</sup> Tratava-se de Druso, filho de Cláudio e de sua primeira mulher, Urgulanila.

filho de Cláudio, da casa imperial; a filha de Sejano, da classe equestre<sup>9</sup>. E o povo sente essa união como uma afronta. Se dúvidas houvesse sobre o desprezo que esta decisão motiva, basta ver o que Tácito regista a seguir: a opinião comum de que Tibério maculava, conspurcava (*polluisse*) a *nobilitas* da família imperial, ao mesmo tempo que elevava Sejano a um estatuto (*ultra extulisse*) que lhe permitia dar largas à sua ambição, quando era já suspeito de acalentar desmesuradas e inapropriadas esperanças (*suspectum iam nimiae spei*). É esta a primeira nota a referir, sem filtros, a via que Sejano tomará. No entanto, ainda se modaliza com um *uidebatur* e com a atribuição de tal descontentamento e desconfiança ao povo. Mas, ao acentuar que Sejano é já (*iam*) alvo de suspeitas (*suspectum*), Tácito prenuncia que a máscara começou a cair. Por outro lado, os traços de carácter de Sejano definem-se e são, a um tempo, indício de uma tragédia anunciada: a *nimia spes*, a *hybris* que o toma em desejo do que não lhe pertence por direito, vão conduzi-lo à perdição. Não deixa, contudo, de ser também motivo de um amargo travo de ironia trágica o facto de o leitor estar perante um quadro de crédula e vã ilusão do povo, que o tempo se encarregará de desfazer. Tudo acontecerá ao contrário: os filhos de Germânico não serão exaltados, mas sim mortos; o casamento que enche o povo de alegria revelar-se-á uma união funesta para Druso e alfobre da indignidade de Livila; e o casamento que tanto os desgostava acabou por não se realizar, mas porque o filho de Cláudio morreu pouco tempo após os esponsais, num absurdo acidente<sup>10</sup>.

Com estas coordenadas, o leitor não estranha, por isso, as sucessivas marcas de louvor e a acrescida dignidade a que Tibério guinda Sejano. Não estranha que a família e os amigos dele recebam honras, conquistem poder<sup>11</sup>. Não estranha que, cada vez mais, a crueldade e a prepotência atinjam os que não estão com ele, e que Tácito vá registando os nomes dos que inventam ou subvertem acusações para tramar a perdição dos amigos e familiares de Germânico. Mas o leitor também não deixa de desvendar, na fulgurante ascensão, os sinais que anunciam a derrocada.

<sup>9</sup> A sintaxe e a construção do verbo *destinare* (cujo sujeito é habitualmente feminino: cf. *OLD* s.u. *destino* 6.b) pode acrescentar significado: *filio Claudii socer Seianus destinaretur* – ao filho de Cláudio é destinado um sogro (e esse sogro é Sejano), não uma noiva.

<sup>10</sup> Cf. Suetónio, *Claud.* 27.1. Morreu, poucos dias depois dos esponsais, sufocado por uma pèra que se entretinha a atirar ao ar e a apanhar na boca aberta.

<sup>11</sup> Escolham-se tão-só dois exemplos, assaz representativos de que toda a sua família e círculo de apoiantes beneficiavam do favor de que Sejano gozava: no ano 21, Tibério envia ao senado a proposta de dois *candidati* ao proconsulado da *Africa*, deixando, pelo menos na aparência, a escolha aos senadores. Os candidatos são M. Lépidio e Júnio Bleso (3.35). Ambos são ouvidos, mas o primeiro alega razões para não ser escolhido (saúde débil, idade dos filhos, filha núbil...). Todos intuem, porém, a verdadeira razão, que ele calava (*silebat*): é que Júnio Bleso era tio (materno) de Sejano e, por isso, mais poderoso (*eo praeualidum*). Bleso finge recusar (*specie recusantis*), mas, *consensu adulantium*, é obviamente o escolhido. Acrescente-se que esta glória se transmutará em desgraça, após a queda de Sejano (5.7). Quanto a Júnio Otão, pesem embora os *obscura initia*, a profissão humilde (*litterarium ludum*: professor de primeiro grau) e o mau carácter, foi *Seiani potentia* que ascendeu ao senado (3.66). Séneca Pai, todavia, refere-o por mais de uma vez enquanto retor não exactamente despiendo (*Contr.* 2.1.33-39).

Numa escalada que confirma as linhas temáticas desde o início esboçadas, Tácito reafirma, em 3.72, que Tibério *laudibus Seianum extulit*, retomando, como é sua prática comum, um verbo que já usara em 3.29. Fá-lo a propósito do restauro do teatro de Pompeio, devastado por um incêndio, circunstância que proporcionou a Tibério ocasião para garantir publicamente que ao *labor* e à *uigilantia*<sup>12</sup> de Sejano se devia que o fogo se tivesse circunscrito apenas a esse monumento. De imediato os senadores, no habitual coro bajulador, votam que uma estátua de Sejano seja erguida no teatro renovado. A referência à estátua, a esta primeira marca pública de invulgar exaltação, deixa vincada a ascensão de Sejano, por mão de Tibério e adulação dos senadores<sup>13</sup>. Este passo está carregado de ominoso significado. De facto, o leitor sabe que, ao ser arrastado para a morte, Sejano ainda teve tempo de ver as suas estátuas, entretanto multiplicadas e espalhadas pela cidade, a serem derrubadas e destruídas pela ira do povo<sup>14</sup>.

Na economia narrativa dos *Annales*, está, porém, criado o espaço para que o Livro 4, que de certo modo podemos considerar o livro de Sejano<sup>15</sup>, se ocupe minuciosamente dele e das suas manobras. Como tem sido amplamente estudado, o Livro 4 dos *Annales* dá início a uma segunda parte da hécade consagrada a Tibério<sup>16</sup>. Uma segunda parte que, cronologicamente, não constitui uma metade, pois o ponto de viragem no principado, segundo Tácito, ocorreu no nono ano depois de Tibério chegar ao poder, quando ainda faltavam outros catorze até à sua morte. Essa mudança coincidiu, na interpretação dos *Annales*, com a morte de Druso, no ano 23<sup>17</sup>. A cremos que Tibério não soube que o filho foi assassi-

<sup>12</sup> Cf. Woodman-Martin (2004, p. 480): “*labor* and *uigilantia* are the qualities which Sejanus singles out by way of self-description in his letter to Tib. three years later (4.39.2 *excubias ac labores*) and which appear in the description of him by Vell. (127.3 *laboris... capacissimum, 4 animo exsomnem*) and by T. himself (4.1.3 *laborum tolerans ... industria ac uigilantia*). Clearly they were part of the image which Sejanus wished to project”.

<sup>13</sup> Em *Ad Marciam* 22.4, Séneca recorda a coragem com que o historiador Cremúcio Cordo comentou a afronta à memória de Pompeio que essa estátua constituía. As suas palavras (*tunc uere theatrum perire*) foram apenas mais um dos motivos da sua desgraça (contada por Tácito em 4.34-35).

<sup>14</sup> Díon 58.11.3. Juvenal (10.58-64) acrescenta o vívido pormenor da vulgar reutilização do metal fundido das estátuas em *urceoli, pelues, sartago, matellae* (v. 64), na justa apreciação de Edward Courtney (2013: 404), “a scabrous anti-climax”.

<sup>15</sup> Tal como o Livro 2 é o Livro de Germânico. Ambos, Germânico e Sejano, constituem retratos que se contrapõem ao de Tibério, definindo-o: Germânico luminoso na sua essência, odiado pelo *princeps*, embora lhe tenha sido sempre leal; Sejano, de recorte eminentemente negativo, nefasto e sinistro, guindado pelo imperador à confiança suprema.

<sup>16</sup> Em termos de macroestrutura, há, ainda, que ter em conta a aproximação deste Livro 4 com o Livro 16, neste caso na consideração de um ponto de viragem no principado de Nero, dividindo, assim, também a hécade dedicada a este *princeps* em 3+3 livros (interrompidos, porém, certamente por vicissitudes de transmissão textual, no cap. 35 do Livro 16, em pleno relato dos acontecimentos do ano 66). Veja-se o início do Livro, *Inlusit dehinc Neroni fortuna per uanitatem ipsius...* A aproximação, pela *commutatio fortunae*, entre Tibério e Nero resulta evidente.

<sup>17</sup> 4.1.1: ... *nonus Tiberio annus erat compositae rei publicae, florentis domus [...] cum repente turbare fortuna coepit, saeuire ipse aut saeuientibus uires praebere*; 4.6.1: *Tiberio mutati in deterius principatus initium ille annus attulit*; 4.7.1: *Quae cuncta, non quidem comi uia, sed horridus ac plerumque formidatus, retinebat tamen, donec morte Drusi uerterentur...* A concluir o Livro 6 (51.3), todavia, Tácito consigna,

nado a não ser muitos anos depois<sup>18</sup>, temos de aceitar a perspectiva de Tácito que faz derivar essa mudança do facto de Sejano ter ficado com o caminho aberto para a concretização do seu intento de atingir o poder máximo ou, pelo menos, de o ocupar em paridade com o imperador. Lembremos, de passagem, que Díon Cássio faz remontar esse ponto de viragem ao ano 19, momento da morte de Germânico<sup>19</sup>. A Tácito, porém, interessa-lhe dar destaque à acção malévola de Sejano, no seu progressivo ascendente sobre Tibério, no afastamento de todos os que estavam no seu caminho e lhe atrapalhavam os desígnios, por fim até do próprio imperador que, por sua influência e manipulação, acabou por abandonar Roma, deixando-o sozinho a controlar os meandros do poder.

Para melhor dizer essa mudança, nefasta para Roma, Tácito contrapõe o período de quase nove anos já transcorridos, que por razões óbvias pinta com cores um tanto inesperadas de prosperidade e bem-estar, no Estado e na família imperial (4.1.1: *compositae rei publicae; florentis domus*), ao que daí em diante se verificou. Em contraste com o imperfeito durativo *erat*, o aspecto pontual de *coepit* marca o momento de viragem, realçado pelo advérbio *repente* e a sintaxe de uma oração temporal de *cum* com indicativo. O primeiro sujeito de *coepit* é *fortuna*, personificada no desempenho de uma acção, *turbare*, em construção intransitiva, para logo receber outro sujeito, desta feita *ipse*, Tibério. E é ao *princeps* que são atribuídas duas acções, não casuais, mas intencionais, fruto da sua exclusiva vontade: *saeuire aut praebere, praebere uires saeuientibus*. A disjuntiva acentua essas duas acções, que todavia não se excluem, antes se acumulam: dar livre curso à sua natureza cruel no exercício do poder; dar força e incentivo aos que, com ele e em seu redor, partilham essa natureza sanguinária, identificação que a figura etimológica *saeuire / saeuientibus* realça<sup>20</sup>. Ora, desse plural, isolar-se-á um só homem, o mais cruel de todos, aquele que é dito *initium et causa*, dois quase sinónimos que, todavia, subtilmente distinguem que Sejano foi o deflagrador da mudança no principado de Tibério, e também a *causa*, o motor de todas as malfeitorias sucessivas que determinaram a desgraça de Roma até ao ano 31. Tácito

---

no obituário de Tibério, um balanço do seu comportamento e do seu principado. Assegura que o carácter do *princeps* mudou com o passar dos anos e estabelece cinco etapas (*tempora... diuersa*) nessa transformação: a primeira, até 14, ano da morte de Augusto (fase que, neste passo, avalia positivamente); a segunda, marcada por duas mortes (a do filho adoptivo Germânico, em 19, e a do filho Druso, em 23), pautada pela dissimulação; a terceira, até à morte da mãe, em 29, ainda de certo modo mantendo a sua verdadeira natureza controlada; a quarta, a dos anos da nefasta influência de Sejano, até 31, ano em que o prefeito do pretório foi executado; a última, até à sua morte, em 37, quando deixou que o seu carácter cruel e depravado se manifestasse sem disfarces nem freio. V. Woodman (2007) e Luce (2012).

<sup>18</sup> Oito anos depois, em 31, por denúncia de Apicata, a repudiada mulher de Sejano, antes de se suicidar após a terrível morte dos filhos inocentes (4.8.1: *octo post anos cognitum est*; 11.2: *Ordo ... sceleris, per Apicatum Seiani proditus...*).

<sup>19</sup> Díon 57.19 (neste caso, Xifilino e Zonaras); 57.19.8. O mesmo se pode deduzir de Suetónio, *Cal.* 6.2.

<sup>20</sup> Woodman (2018, p. 60): “*saeuitia* is one of the principal vices of the archetypal tyrant”.

toma aqui o modelo de Salústio, cujas palavras evoca<sup>21</sup>, e esse eco preenche uma dupla função: reconhecer um modelo de historiografia e de estilo que se imita; deixar constância de que Sejano é tão nefasto como Catilina<sup>22</sup>.

Essa mudança, a nova etapa que Tácito aborda, remete, todavia, como ponto de continuidade, para tudo o que o leitor já sabe sobre Sejano, porque Tácito o contou, ou antecipou, ou insinuou. Iniciando o retrato<sup>23</sup> pelo nome *Aelius Seianus*, e um aposto que recorda as suas mais que sabidas funções de prefeito do pretório, que o era desde 19, como a seu tempo o historiador registou, Tácito resume: *cuius de potentia supra memoravi*. Com esta remissão, o leitor é levado a chamar à memória tudo o que já sabe ou intuiu, para bem entender o que vai seguir-se e melhor avaliar os contornos do retrato, de vincados ecos salustianos, que Tácito anuncia com um *nunc expediam*, a reger três linhas orientadoras: *originem, mores, quo facinore dominationem raptum ierit*. As duas primeiras rubricas são usuais nos retratos, isto independentemente de cada uma delas fornecer matéria susceptível de revelar (ou orientar) avaliação, positiva ou negativa, como é aqui o caso, da personagem apresentada. Quanto ao terceiro tópico, em rigor ele enquadra-se nos *facta*, mas o leitor dá-se conta de que Tácito usa um singular, um só *facinus* sobre o qual se concentrará a nossa atenção, porque foi por ele que Sejano buscou o poder (*dominationem raptum ierit*), ao qual legitimamente não podia nem devia aspirar.

Observemos, em breve apontamento, cada um desses três vectores do retrato. Em primeiro lugar, o local de nascimento, o nome e o estatuto do pai, oriundo do *ordo equester*<sup>24</sup>. Estes são elementos essenciais num retrato, mas a referência ao estrato social revelar-se-á fulcral na narrativa subsequente, quando assistirmos aos entraves que Tibério põe ao desejo de Sejano casar com Livila (4.40): um cavaleiro não pode aspirar a matrimónio com uma mulher da casa imperial, nem dessa união fazer o trampolim para satisfazer a ambição de ocupar um lugar

<sup>21</sup> *Cat.* 10.1: *saeuire fortuna ac miscere omnia coepit*. Salústio, porém, considera como ponto de viragem a destruição de Cartago, em 146 a.C., e isso porque Roma, aniquilado o seu arqui-inimigo, deixa de ter *metus* e fica livre para dominar todo o *mare nostrum*. No caso de Tibério, a causa da viragem é o desenfreado *princeps* e, sobretudo, o poder sem limite e em ascensão de Sejano. Sobre o papel da *fortuna* nessa mudança, e sobre a diferença ideológica entre Tácito e Salústio neste particular e em ambos os passos, v. Shannon-Henderson (2019, pp. 168ss.).

<sup>22</sup> Cf. Rhiannon Ash (2006: 87): “Through a series of linguistic echoes and structural similarities (...) Tacitus suggests a parallelism between two thoroughly dangerous individuals. Catiline and Sejanus may have been operating in different political systems and are separated by almost a hundred years, but the implication is that they were the same kind of creatures, mentally and physically gifted, but ruthlessly capable. Tacitus could have made a similar point simply by explicitly saying that Sejanus was ‘just like Catiline’, but the imprint of ghostly footprints in his text is much more subtle”.

<sup>23</sup> Para o retrato de Sejano enquanto “sententious portrait”, v. Patrick Sinclair (1995, pp. 148-150).

<sup>24</sup> O pai de Sejano, prefeito das coortes pretorianas ao tempo da morte de Augusto, é referido em 1.7.2, a propósito do juramento de lealdade a Tibério, sem que nesse passo seja (ainda) associado ao filho. No ano 20, segundo Díon (57.19.6), tornou-se prefeito do Egipto. Só em 6.8.2 Tácito dá, pela boca do único dos amigos de Sejano que não renega essa amizade após a desgraça, mesmo sabendo que arrisca a morte, a informação de que Sejano e o pai partilharam o comando da guarda pretoriana.

cimeiro na hierarquia de Roma. Também o local de nascimento, Volsínios, na Etrúria, dará posteriormente lugar a uma apreciação carregada de significado, como veremos.

A informação seguinte refere a *prima iuuenta*, tempo em que Sejano foi companheiro de Gaio César, neto de Augusto. Mas a esta nota junta Tácito, com a técnica da lítotes e a arte de afirmar, descartando a responsabilidade da afirmação, de *non sine rumore*, que Sejano terá vendido os seus favores sexuais ao riquíssimo e muito pródigo Apício (*stuprum ueno dedisse*). Desenha-se, assim, o *curriculum* pouco abonatório de alguém que, por cobiça e interesse, não recua perante a desonra. Este *rumor*, demolidor enquanto insinuação, levará o leitor, mais adiante, a achar coerente, no comportamento de Sejano, a sua conquista de uma mulher casada<sup>25</sup>, Livila, bem como a sedução sexual de Ligdo, um eunuco muito próximo e querido de Druso, com o fito de que ele se encarregue de ministrar o veneno ao seu amo (4.10.2).

Na sequência do retrato (*mox*), Tácito centra-se, como que abreviando as etapas que ao longo do Livro 4 desenvolverá, no alvo verdadeiramente cobiçado por Sejano: o imperador e o poder que ele detém. E encontramos aqui, marcado sintáctica e estilisticamente, o percurso de Sejano, o lobo que cairá nas malhas que urdiu. Repare-se: primeiro *Tiberium uariis artibus deuinxit*, ganhando o verbo *deuincio*, com o preverbo intensivo, o valor semântico da completa subjugação de Tibério a Sejano<sup>26</sup>. Esse domínio absoluto traduz-se numa consecutiva, *adeo ut, obscurum aduersum alios, sibi uni incautum intectumque*, em que o quiasmo, a aliteração e a *uariatio* traduzem o ponto máximo do ascendente conseguido sobre Tibério, a posição única que Sejano ocupará junto dele. O tempo e a narrativa se encarregarão de confirmar esse estatuto em que Tibério de todos desconfia e só em Sejano se apoia, sem se dar conta do que ele trama<sup>27</sup>. Mas logo Tácito se interroga sobre as verdadeiras razões de ele o ter conseguido: sem negar a *sollertia* de Sejano, e perante a verificação de que também ele acabou destruído, o historiador remete para a causa mais alta, afinal um dos grandes temas que atravessam a sua obra: a *deum ira in rem Romanam*. Isto é: em última instância, os deuses serviram-se de Sejano para assinalar, e reprimir, a degradação de Roma e da sua política<sup>28</sup>. Numa espécie de glosa do princípio ‘quem com ferro mata, com ferro

<sup>25</sup> Dión vai mais longe nas acusações. Em 58.3.8, afirma que Sejano, para conseguir a sua ascensão, se tornava amante de todas as mulheres de personagens importantes; além disso, não atribui a *rumor* a relação com Apício, antes a dá como garantida.

<sup>26</sup> Suetónio tem outra perspectiva sobre a principal responsabilidade (de Tibério) nos crimes (*Tib.* 55.2; 61.2).

<sup>27</sup> Evitamos abraçar a teoria, consagrada desde a Antiguidade, de que a causa próxima da desgraça de Sejano foi uma conspiração para derrubar Tibério. V. a argumentação de Syme (1997, p. 406), e a conclusão: “the only plot that can safely be assumed and narrated is the plot devised and executed by Tiberius Caesar. Seianus was deep and crafty. He met his master.” V. também Boddington (1963) e Shotton (1974).

<sup>28</sup> V. Galtier (2011, p. 255): “Pour l’auteur, c’est moins l’adresse du préfet du prétoire que l’action même des dieux qui a permis à celui-ci de conquérir la confiance de l’empereur, si méfiant envers son entourage. Selon lui, Séjan a été vaincu par les mêmes procédés que ceux qu’il avait employés. Le lecteur suppose donc que, s’il avait dû son influence à sa seule habileté, Séjan n’aurait pas été

morre', a sequência [Seianus] uariis artibus deuinxit // [Seianus] isdem artibus uictus est, em que Sejano passa de sujeito activo a sujeito passivo e em que o sintagma uariis artibus se transforma de ablativo de meio em agente da passiva, acentua essas duas faces da *sollertia* de Sejano, quando virada contra os outros ou quando virada contra si mesmo; por fim, a expressão *pari exitio* coloca ao mesmo nível de funestas consequências quer a ascensão, quer a queda, significadas nos dois perfeitos antitéticos justapostos, *uiguit ceciditque*. E aqui o texto afirma-nos o que não podemos ler no Livro 5: Sejano há-de cair, Sejano caiu. Resta agora desenvolver, em pormenor, o modo e o efeito das *artes* de que fez uso, com sucesso por mais alguns anos. O leitor, agora que já sabe que também a ele os deuses derrubaram, pode começar a procurar, na narrativa, os prenúncios dessa queda: inevitavelmente, há-de encontrar-se algum passo em falso, alguma decisão mal calculada.

Segue-se o retrato físico e moral de Sejano, que Tácito molda, como já dissemos, em Salústio, mas também, numa sibilina distorção, em Veleio Patérculo<sup>29</sup>. O ritmo rápido dos elementos que constituem esse retrato, em assíndeto e parataxe, joga com as antíteses *corpus / animus, sui / in alios, palam / intus*, sublinhando o abismo entre o que Sejano mostrava e o que escondia, entre o que era e o que parecia<sup>30</sup>. E o vocabulário de forte carga semântica negativa (*audax, obtegens, criminator, adulatio et superbia, compositus [pudor], summa ... libido, apiscendi, largitio et luxus*), pelo próprio acúmulo, vinca o perfil de uma diabólica personagem, que o leitor agora vê como flagelo de Roma, pelas suas manobras e por desígnio dos deuses. As únicas características positivas que lhe são atribuídas, só o são quando tomadas isoladas do contexto e das remissões a que Tácito conduz a memória do leitor. Quando se diz que ele era [*corpus ... laborum tolerans*], lembra Catilina<sup>31</sup>; quando se admite que ele era possuidor de *industria ac uigilantia*, o leitor já está imbuído de um juízo de valor que o leva a concluir que o exercício

---

vaincu. Par ailleurs, le conseiller de Tibère se serait révélé doublement néfaste pour Rome: à la fois par sa prospérité et par sa chute.

<sup>29</sup> Veja-se o encómio traçado nos cap.s 127-128 do Livro 2 da sua *Historia* e aprecie-se o matiz positivo contrastante com o retrato de Tácito, mesmo quando a informação e o léxico parecem semelhantes (127: *ipsum uero laboris ac fidei capacissimum, sufficiente etiam uigore animi compage corporis, singularem principalium onerum adiutorem in omnia habuit atque habet... animo exsomnia...*). A pouca distância cronológica, mas já depois da queda de Sejano, veja-se o vitupério de Valério Máximo (9.11.4), que, num tom de *damnatio memoriae*, nem o nome do prefeito do pretório regista.

<sup>30</sup> Sobre o processo de paralelismo antitético na construção do retrato de personagens de que Tácito condena a memória, nomeadamente Sejano e o prefeito do pretório do tempo de Nero, Ofónio Tigelino, v. Aubrion (1985, pp. 411-415). Recorde-se, no entanto, que na sequência sinistra de prefeitos, há a considerar o sucessor de Sejano, Mácron: o retrato antitético realça-se em graduação crescente de maldade e crime.

<sup>31</sup> Os ecos são por demais evidentes. Recordando o início do cap. 5 da *Coniuratio Catilinae*: *L. Catilina, nobili genere natus, fuit magna ui et animi et corporis, sed ingenio malo prauoque. Huic ab adulescentia bella intestina, caedes, rapinae, discordia ciuilibus grata fuere ibique iuuentutem suam exercuit. Corpus patiens inediae, alboris, uigiliae supra quam cuiquam credibile est. Animus audax, subdolos, uarius, cuius rei lubet simulator ac dissimulator, alieni adpetens, sui profusus, ardens in cupiditatibus; satis eloquentiae, sapientiae parum. Vastus animus inmoderata, incredibilia, nimis alta semper cupiebat. Hunc post dominationem L. Sullae libido maxuma inuaserat rei publicae capiundae; neque id quibus modis adsequeretur, dum sibi regnum pararet, quicquam pensi habebat.*

dessas características não era exactamente desinteressado, não eram qualidades genuínas, tinham sempre um fito inconfessável que era preciso esconder. Isso mesmo sublinha Tácito quando, sobre a *industria ac uigilantia* de Sejano, as diz *haud minus noxiae quotiens parando regno finguntur*<sup>32</sup>. Repare-se na lítotes que aponta para o seu uso mal dirigido, com o objectivo de conquistar o poder. Logo: simulação, ao serviço da ambição desmedida.

Ora, no seu percurso ascensional, quando tudo lhe corre de feição, o imperador o proclama seu *socius laborum* e o faz *non modo in sermonibus, sed apud patres et populum*, isto é, na intimidade e em público<sup>33</sup>, Sejano avança para o *facinus* de que falámos já. Em função do seu plano, quer e precisa de ver-se livre de todos os que lhe podem obstruir o caminho e atrasar o que deseja. Tácito enuncia, na perspectiva de Sejano, a lista desses ‘entraves’: *plena Caesarum domus*, expressão recolectora que depois se desenvolve em *iuuenis filius*, Druso, e *nepotes adulti* (4.3.1.) considerando aqui, pelo menos, os netos, de sangue ou adoptivos, que já tinham atingido a adolescência, idade menos propensa a doenças letais. Numa revelação que garante a premeditação, ao mesmo tempo que põe em evidência os escaninhos de uma mente criminoso e manipuladora, Tácito mostra que a estratégia escolhida por Sejano tem como primeiro alvo Druso, o seu mais perigoso oponente. É filho de Tibério, seu único e amado filho de sangue. Se quisermos ceder a tons românticos da tragédia pessoal de Tibério (perdoe-se a incursão em tão movediços terrenos psicanalíticos), o único filho que teve da mulher que amou e de quem Augusto o obrigou a separar-se para casar com Júlia, e que nunca ele esqueceu, Vipsânia<sup>34</sup>. É, pois, Druso o primeiro alvo a aniquilar e contra ele, isoladamente, age, *quia ui tot simul corripere intutum*, porque é impossível abater, de um só golpe, todos os membros da casa imperial. Sejano giza, pois, um plano seguro: atacá-los um por um e com algum intervalo entre cada crime (*dolus interualla scelerum poscebat*). Por isso, *[p]lacuit ... a Druso incipere*<sup>35</sup>. Ao facto de ser

<sup>32</sup> *parando regno* (cf. Catilina, em Salústio: *dum sibi regnum pararet*), sendo *regnum* não necessariamente o principado, mas antes o efectivo exercício do poder.

<sup>33</sup> A conclusão de 4.2 transfere, em última instância, a culpa do imparável aumento da influência de Sejano para o imperador, Tibério, que é dito *facilis atque pronus* para com Sejano. É ele quem permite (*sineret*) que o prefeito se iguale aos próceres da cidade, ou o equipara até a deuses a quem é devido culto (*coli*), nos teatros e *fora*, bem como nos quartéis-generais das legiões, prestado às estátuas (*effigies*) que se iam multiplicando por todo o lado. V. Díon 57.4.4; Suet. *Tib.* 65.1. O plural *effigies* sugere a fulgurante ascensão de Sejano que, no ano anterior, conseguira a primeira, no teatro de Pompeio. Observe-se a progressão: *apud theatrum Pompeii* (3.72) > *per theatra et fora* (4.2); *effigiem* (3.72) > *effigies* (4.2). Cf. também *effigiem eius in monimentis Cn. Pompei* (4.7.2). Em Suetónio (*Tib.* 48.4) lemos que Tibério, morto Sejano, recompensou as legiões da Síria *quod solae nullam Seiani imaginem inter signa coluissent*.

<sup>34</sup> Cf. Suetónio, *Tib.* 7.3-4. Vipsânia era filha do primeiro casamento de Agripa com Cecília Metela. Após a separação de Tibério, casou com Asínio Galo, por quem Tibério sempre manifestou a maior má-vontade (v. e.g. 1.12.4: *pridem inuisus, tamquam ducta in matrimonium Vipsania ... quae quondam Tiberii uxor fuerat*).

<sup>35</sup> O léxico de carga semântica negativa (*cupitis*, *ui*, *dolus*, *scelerum*) não deixa dúvidas ao leitor: a narrativa vai centrar-se no *facinus* anunciado em 4.1. A forma verbal *incipere* sugere, de imediato, que ele será apenas o primeiro de uma longa série.

ele o mais directo obstáculo aos anseios de Sejano, acrescenta Tácito um outro motivo, do foro pessoal, uma afronta humilhante acontecida pouco antes durante um incidente. À ambição junta-se o ressentimento, uma *recens ira*<sup>36</sup>. Sejano odeia aquele de quem, lembra-se o leitor, foi *rector* com missão de protecção e conselho. Mais à frente, Tácito porá na boca do próprio Druso as frequentes queixas com que invectivava Sejano e nos revelam ser esse ódio mútuo e publicamente apregoado<sup>37</sup>. Druso apercebe-se de que tem em Sejano um rival, alguém que lhe vem usurpando o lugar que era seu por direito, junto de Tibério e na condução dos assuntos de Estado, um estranho por quem um filho era preterido, alguém guindado a *adiutor imperii* e que aspirava a ser *collega* do imperador<sup>38</sup>, alguém que em breve teria a sua família unida à de Tibério.

Para Sejano, esse *odium* de Druso para com ele, de todos conhecido, representa um perigo acrescido e decide-o a apressar o crime. Sabe, porém, que não pode perpetrá-lo ele próprio, às claras, terá de encontrar uma *occultior uia* e, necessariamente, quem o ajude. A escolha recai sobre Lívia<sup>39</sup>: não é decerto por acaso que Tácito a identifica como *uxor* de Druso e *soror Germanici*, adiantando o contraste entre a sua condição social e familiar e a indignidade a que acedeu. Sejano finge estar apaixonado por ela (*ut amore incensus adulterio pellexit*), para a levar ao adultério. Merece atenção, além do *ut* que revela a falsidade dos sentimentos, a escolha de *pellicio*, atrair por ardil, seduzir, verbo que naturalmente se prolonga semanticamente em *potitus est*, ambas acções cujo sujeito é Sejano e mostram o completo ascendente que ele consegue sobre Livila<sup>40</sup>. Mas, em reflexão de inevitável tom moralista, Tácito avalia que, depois de um primeiro *flagitium*, prenunciando o ordinal *primum* uma sinistra sequência, e uma vez que

<sup>36</sup> Numa discussão, Druso, *impatiens aemuli et animo commotior* (4.3.2), levantou a mão contra Sejano e, como este avançou contra ele, bateu-lhe em pleno rosto. Díon, porém, diz (57.22.1) que foi Sejano quem tomou a iniciativa da agressão. Ora, Tácito não tem decerto a intenção de justificar Sejano, pelo que talvez queira sublinhar que, a acrescentar ao desejo de eliminar Druso para ascender ao poder, esteve a vingança pessoal de uma afronta que o atingiu no seu orgulho. Além disso, a atitude que Tácito atribui a Druso é consentânea com o que dele diz em outras ocasiões (e.g. 1.76.3) e com a verificação de que o filho de Tibério (também) já se afastara de Sejano, vendo-o como um rival que lhe usurpava o poder (v. 4.7.2-3).

<sup>37</sup> 4.7. A pouco e pouco, além disso, Tácito sugere que a máscara caía e a opinião pública o considerava capaz de todos os crimes: *Seianus facinorum omnium repertor habebatur* (4.11.2), ao mesmo tempo que votava sentimentos de ódio a ambos, imperador e seu favorito (*in utrumque odio*).

<sup>38</sup> Consequi-lo-á, de facto: em 31, por ironia o ano da sua desgraça, será *consul ordinarius* com Tibério.

<sup>39</sup> Co-optou depois outros cúmplices, como Eudemo, *amicus ac medicus Liuiæ* (4.3.4). Tácito apenas aponta a facilidade do seu acesso *specie artis* à casa de Druso, o que evitava levantar suspeitas, enquanto Plínio (*NH* 29.20) fala da relação adúltera entre o médico e Livila. Seguiu-se o eunuco Lígdo (a quem Sejano se ligou *stupro*: 4.10.2, que terá administrado o veneno). Quanto a Sejano, para dar mais força ao plano e melhor iludir Livila (*ne paelici suspectaretur*), repudiou a mulher, Apicata, de quem tivera três filhos. Será ela, na tragédia da perda dos filhos inocentes supliciados com a maior violência na sequência da execução de Sejano, que revelará a Tibério que Druso fora envenenado por manobras de Sejano e Livila (4.11.2, Díon 58.11.6), crime que Eudemo e Lígdo, sob tortura, confirmaram (4.11.2).

<sup>40</sup> Sobre Livila, v. Sinclair (1990). Também ela teve terrível fim. Morto Sejano, Tibério entregou-a à mãe, Antónia, que a forçou a morrer de inanição (Díon 58.11.7).

uma mulher, *amissa pudicitia*, sua única salvaguarda, é capaz de tudo<sup>41</sup>, logo ela se revelou partícipe nas ambições do amante e receptiva ao assassinio do marido. Numa enumeração das circunstâncias que tornavam inexplicável tal indignidade – os antepassados ilustres, o sogro e o marido primeiras figuras do Estado, o casamento abençoado com três filhos – Tácito atribui a Livila o papel de sujeito activo de um verbo, *foedabat*, conspurcava, com um triplo objecto directo registado em polissíndeto amplificador: *seque ac maiores et posteros*, a si mesma, e aos antepassados, e aos descendentes. Isto é: a mácula do adultério atingia o passado, o presente e o futuro da família. A indignação atinge, porém, o seu clímax, quando Tácito identifica a causa que leva Livila a trocar tudo o que na sua vida é honesto e seguro por uma esperança criminosa e incerta, o casamento com Sejano e o poder ao lado dele: essa causa, indicada em sintagma que ressuma profundo desprezo, é um *municipalis adulter*, um provinciano muito abaixo do seu nível social<sup>42</sup>. E, aqui, a referência à origem etrusca de Sejano ganha novo significado, muito para além do tópico do retrato de 4.1.

Mais tarde, como o leitor verá, essa vai ser a pedra-de-toque da recusa de Tibério às pretensões de Sejano em casar com Livila, já viúva de Druso. E esse parece ser, na perspectiva do leitor que busca o momento em que a *fortuna* começa a abandonar Sejano, o primeiro passo mal medido, do qual a resposta de Tibério magistralmente desmonta as verdadeiras intenções, numa fina e irónica *concessio* que, sem deixar de enaltecer o seu homem de mão e de simular que acredita nas suas comedidas intenções, o remete todavia ao lugar de que não pode nem sequer sonhar subir, fazendo-lhe ver que uma mulher que foi esposa de um neto de Augusto e, depois, de um filho de Tibério, não poderia consentir em envelhecer junto de um *eques*.

Até aí, tudo se cumprira a contento do que Sejano ambicionava. Morto Druso em 14 de Setembro de 23, vira-se contra Agripina e os filhos<sup>43</sup>, persegue todos os que se distinguem por se manterem leais à família e à memória de Ger-

<sup>41</sup> Para o eco de Tito Lívio (1.58.7) relativamente a Lucrecia, cujas palavras ao marido e ao pai justificam o seu suicídio precisamente *amissa pudicitia*, e o efeito de contraste entre a conduta das duas mulheres, v. Woodman (2018, p. 75).

<sup>42</sup> Woodman (2018: 76): “*municipali* and *adultero* illustrate the charges of social inferiority and sexual impropriety which were commonplace in Roman political invective”.

<sup>43</sup> 4.12: os capítulos seguintes, neste e nos livros subsequentes, mostram-nos tudo quanto Sejano tramou para perder Agripina (jogando com os pontos vulneráveis do seu carácter, a sua *contumacia* e a sua *superbia*, e contando com a ajuda do *uetus... odium* que Lívica lhe votava e com a convivência daqueles que, *per speciem amicitiae* (4.51.1), dela se acercavam para mais a indispor contra Tibério). Acresce que o desaparecimento de Druso deu esperanças àqueles que queriam um descendente de Germânico no poder. Tendo-se perdido quase integralmente o Livro 5, apenas sabemos, por Tácito, das manobras intentadas contra Nero, o filho mais velho e *proximum successioni* (4.59), mas não da sua morte. O segundo, Druso, morreu de maus-tratos e inanição, preso nos cárceres do próprio *Palatium* desde o ano 30 (6.23.2), enquanto Agripina morreu exactamente no mesmo dia em que se perfaziam dois anos sobre a execução de Sejano, ou por *mors uoluntaria*, ou por inanição a que a forçaram, disfarçada de suicídio (6.25.1: *uoluntate extinctam, nisi si negatis alimentis adsimulatus est finis qui uideretur sponte sumptus*).

mânico<sup>44</sup>, favorece os que o apoiam<sup>45</sup>, persegue os que o não fazem. Seguro da impunidade em que actuava, respaldado pelo favor de Tibério<sup>46</sup>, *Seianus, nimia fortuna socors...* O leitor lembra-se de outros passos em que *nimia* se aplicou a Sejano, concretamente à sua *spes*, àquilo a que aspirava<sup>47</sup>. Mas agora é diferente, porque é a *fortuna*, que outrora começara o processo de turbação de que Sejano beneficiou, que o engana, enchendo-o de uma confiança que o vai iludir ao pensar que tudo pode e tudo alcançará<sup>48</sup>. A resposta de Tibério configura, por fim, a suprema ironia de encerrar como que um roteiro do caminho em que Sejano acabará por sucumbir. Iludindo-o numa espécie de prémio de consolação para adoçar a recusa dessa união desigual e desprezível, Tibério acena a Sejano com um (hipotético) plano que tem para o associar de forma mais estreita ao império, plano que, todavia, diz não querer ainda revelar-lhe. Apenas adianta que não há nada de tão elevado que as *uirtutes* e a dedicação de Sejano não mereçam e a que ele não possa aspirar. Por isso, *dato tempore*, na devida altura, *uel in senatu uel in contione*, Tibério revelará essa subida honra. O leitor vê aqui, sem dúvida, uma estreita relação com as circunstâncias que rodearam o último dia de vida de Sejano. Que infelizmente não conhece por Tácito, mas, em pormenor, por Díon (58.9-13). No entanto, é lícito pensar que, como frequentemente é prática em Tácito, esta promessa de Tibério, sibilina como era seu timbre, funcionava como antecipação e explicação do comportamento de Sejano na iminência, que ele nem pressentiu, da sua morte. E aqui, de novo, o leitor repara que Sejano é vítima de uma arma que ele próprio usou, por exemplo, para enganar Pisão *per uana promissa*. Infundida a esperança de que vai ser guindado a uma posição de enorme relevância pelo próprio Tibério, ele vai acreditar, anos depois, que é chegado o momento, *dato tempore*, de ouvir perante o senado (*in senatu*) as palavras

<sup>44</sup> A perseguição, sob a aparência de legalidade em processos no senado, movida de facto por causa da *amicitia Germanici* (4.18.1), começa com o ataque a Gaio Sílio (que arrasta na desgraça sua mulher Sósia Gala, *caritate Agrippinae inuisa principi*, 19.1) e Tício Sabino (4.68), e prolonga-se, como é técnica de Tácito, numa narrativa de círculos concêntricos que aniquilam todos os que interessa perder. Numa espiral de violência especular, após a morte de Sejano, serão aqueles que o seguiram e adulavam a pagar, com o *gravis exitus* a que premonitoriamente Tácito alude em 4.74.5, a *infausta amicitia* que julgavam segura. V. a lapidar apreciação de Séneca (*Ep.* 55.3): *aeque enim offendisse illum [Seianum] quam amasse periculosum fuit*.

<sup>45</sup> Daí o que hoje chamaríamos 'tráfico de influências' e ao mais alto nível. Tácito refere que ninguém conseguia ser cônsul sem o apoio e intervenção de Sejano (4.68.2: *consulatus ad quem non nisi Seianum aditus*).

<sup>46</sup> Na avaliação do que move Sejano a apresentar a Tibério o pedido de se casar com Livila, Tácito, além da excessiva confiança na *fortuna*, aponta a acção de Livila, que o pressionava a cumprir a promessa de matrimónio que lhe fizera (4.39.1: *muliebri insuper cupidine incensus, promissum matrimonium flagitante Liuia...*).

<sup>47</sup> Também Juvenal refere o erro de Sejano: *... nimios optabat honores / et nimias poscebat opes* (10.104-105), apontando para a queda mais grave de quem muito sobe (... *numerosa parabat / excelsae turris tabulata, unde altior esset / casus et inpulsae praeceps inmane ruinae*).

<sup>48</sup> Significativa a avaliação posta na boca de um *amicus* de Sejano, dos poucos que não tentaram iludir o apoio que lhe tinham dado: *Versa est fortuna* (5.6.2). A *Fortuna* era deusa da especial predilecção e culto de Sejano, de quem tinha uma estátua (cf. Juvenal 10.74-75), a qual, segundo Díon (58.7.2-3), lhe virou as costas pouco tempo antes da sua queda. Cf. também Plínio, *NH* 8.197.

escritas pelo imperador e enviadas de Cápreas, a investi-lo da *tribunicia potestas*, o fastígio do poder. A *uerbosa et grandis epistula* de que Juvenal fala na Sátira 10<sup>49</sup>, onde escolheu precisamente Sejano como *exemplum* de que quanto mais alto se sobe, de mais alto se cai<sup>50</sup>, leva-nos a assumir um último, imaginado elo entre duas informações, uma que temos registada em Tácito, outra, a hipotética, que se encontraria na parte que se perdeu. Lembra-se o leitor de que, ao convencer Tibério a retirar-se de Roma, manipulando a decisão do imperador em função do conhecimento que tinha da sua aversão a Roma, Sejano tinha, entre outros objectivos para si vantajosos do ponto de vista do domínio absoluto, o do controle da correspondência que chegava a Cápreas e às mãos do *princeps*, e da que de lá vinha para Roma<sup>51</sup>. Ora, como é sabido, foi uma falha nesse controle que lhe valeu a perdição. Decerto Tácito terá explicado, no perdido Livro 5, de que modo conseguiu Antónia, cunhada de Tibério e uma das poucas pessoas em quem ele sempre confiou, fazer-lhe chegar à ilha informação pormenorizada sobre quem Sejano realmente era e o que tramava em Roma<sup>52</sup>. Quanto a nós, que não sabemos o que o historiador contou, apesar de tudo podemos imaginar que, também nesse passo, Tácito levantava o véu sobre os alicerces de uma *fortuna* que, por desmedida, começava a esmaecer e a ameaçar catástrofe.

## Referências bibliográficas

- Ash, R. (2006). *Tacitus*. London: Bristol Classical Press.  
 Aubrion, E. (1985). *Rhétorique et histoire chez Tacite*. Metz: Université.  
 Boddington, A. (1963). Sejanus. Whose Conspiracy? *The American Journal of Philology*, 84, 1-16.  
 Courtney, E. (2013<sup>8</sup>). *A commentary on the Satires of Juvenal*. Berkeley: California Classical Studies.  
 Devillers, O. (1994). *L'art de la persuasion dans les Annales de Tacite*. Bruxelles: Latomus.

<sup>49</sup> v. 71. Para a análise dos dois *exempla* históricos que, nesta Sátira, ecoam Tácito, o de Sejano e o de Sílio, amante de Messalina, v. Keane (2012, pp. 420-425). Suetónio (*Tib.* 65.3) regista a incriminação de Sejano, perante o senado, por uma *puenda miserandaque oratione* enviada por Tibério. Sobre a função e o significado das cartas de Tibério, v. Morello (2006).

<sup>50</sup> Como também faz Séneca, em *Tranq.* 11.11.

<sup>51</sup> 4.41.1-2: *ad uitam procul Roma amoenis locis degendam impelleret. Multa quippe prouidebat: sua in manu aditus litterarumque magna ex parte se arbitrum fore, cum per milites commearent*. No entanto, em 4.57, Tácito refere a decisão do *princeps* de deixar Roma (primeiramente para a Campânia), no ano 26, como o resultado de *diu meditato prolatoque saepius consilio*, afirmando que se limitou a seguir *plurimos auctorum* ao atribuir essa partida *ad Seiani artes*: num dos momentos em que o historiador se compraz em cotejar a opinião corrente e o resultado da sua própria reflexão, Tácito interroga-se sobre se não seria apenas ao próprio Tibério que se deveria atribuir a responsabilidade da mudança, uma vez que, mesmo após a morte de Sejano, não regressou de Cápreas, aí permanecendo mais seis anos, até morrer.

<sup>52</sup> Segundo informação de Flávio Josefo (*AJ* 18.181-182), Antónia, tendo tomado conhecimento das intenções de Sejano, escreveu com cópia de pormenores o que soubera que se tramava, e, por intermédio do seu mais fiel servo, Palante, fez chegar a carta a Tibério, em Cápreas. Admitindo uma vasta conspiração liderada por Sejano, Pagán (2004, p. 98) faz notar: “The praetorian prefect was joined by senators, freedmen, and the army. Indeed, Sejanus would have succeeded if not for the daring of Antonia, Tiberius’ sister-in-law. Antonia was raising her young grandson Gaius Caligula in her house, and he had every reason to benefit from the downfall of the powerful Sejanus”.

- Galtier, F. (2011). *L'image tragique de l'Histoire chez Tacite. Étude des schèmes tragiques dans les Histoires et les Annales*. Bruxelles: Latomus.
- Ginsburg, J. (1981). *Tradition and Theme in the Annals of Tacitus*. New York: Arno Press.
- Keane, C. (2012). Historian and Satirist: Tacitus and Juvenal. In V. E. Pagán (Ed.), *A companion to Tacitus* (pp. 401-427). Malden, MA; Oxford; Chichester: Wiley-Blackwell.
- Luce, T. J. (2006). Tacitus' Conception of Historical Change: The Problem of Discovering the Historian's Opinions. In Rh. Ash (Ed.), *Oxford Readings in Classical Studies* (pp. 339-356). Oxford: University Press (= I. S. Moxon, J. D. Smart, A. J. Woodman (Eds.) (1986), *Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing* (pp. 143-157). Cambridge.
- Morello, R. (2006). A Correspondence Course in Tyranny: The *Cruentae Litterae* of Tiberius. *Arethusa*, 39, 331-354.
- Nobre, R. (2010). *Intrigas Palacianas nos Annales de Tácito: Processos e tentativas de obtenção de poder no Principado de Tibério*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10451/37979>
- Pagán, V. E. (2004). *Conspiracy Narratives in Roman History*. Austin: University of Texas Press.
- Shannon-Henderson, K. E. (2019). *Religion and Memory in Tacitus' Annals*. Oxford: University Press.
- Shotter, D. C. A. (1974). The Fall of Sejanus: Two Problems. *Classical Philology*, 69, 42-46.
- Sinclair, P. (1990). Tacitus' Presentation of Livia Julia, wife of Tiberius' son Drusus. *The American Journal of Philology*, 111, 238-256.
- Sinclair, P. (1995). *Tacitus the Sententious Historian. A sociology of rhetoric in Annales 1-6*. University Park, Penn.: Pennsylvania State University Press.
- Syme, R. (1997<sup>R</sup>). *Tacitus*. Oxford: University Press.
- Walker, B. (1960<sup>R</sup>). *The Annals of Tacitus. A Study in the Writing of History*. Manchester: University Press.
- Woodman, A. J. (2007<sup>R</sup>). Tacitus' Obituary of Tiberius. In A. J. Woodman, *Tacitus Reviewed*. Oxford: University Press (= CQ 39, 1989, pp. 197-205).
- Woodman, A. J. (2018). *The Annals of Tacitus. Book 4*. Cambridge: University Press.
- Woodman, A. J. – Martin, R. H. (2004<sup>R</sup>). *The Annals of Tacitus. Book 3*. Cambridge: University Press.

## Resumo

Tomando como fio condutor as referências a Élio Sejano nos *Annales* de Tácito, analisam-se os processos narrativos, os recursos estilísticos e as escolhas lexicais que permitem acompanhar a personagem no seu percurso de ascensão ao fastígio do poder, observar o retrato nítido de um político cruel e sem escrúpulos e, simultaneamente, intuir e desvendar os sinais que prenunciam a sua queda e a catástrofe de todos os que com ele se relacionavam ou o haviam guindado ao poder, em última instância o *princeps*, Tibério.

## Abstract

Taking as reference thread the references to Aelius Sejanus in the *Annales* by Tacitus, we analyze the narrative processes, stylistic resources and lexical choices that allow us to follow the character on his path to ascend to the glory of power, observe the sharp portrait of a cruel and unscrupulous politician and, simultaneously, intuiting and unveiling the signs that foreshadow his fall and the catastrophe of all of those who were related to him or had brought him to power, ultimately the *princeps*, Tiberius.